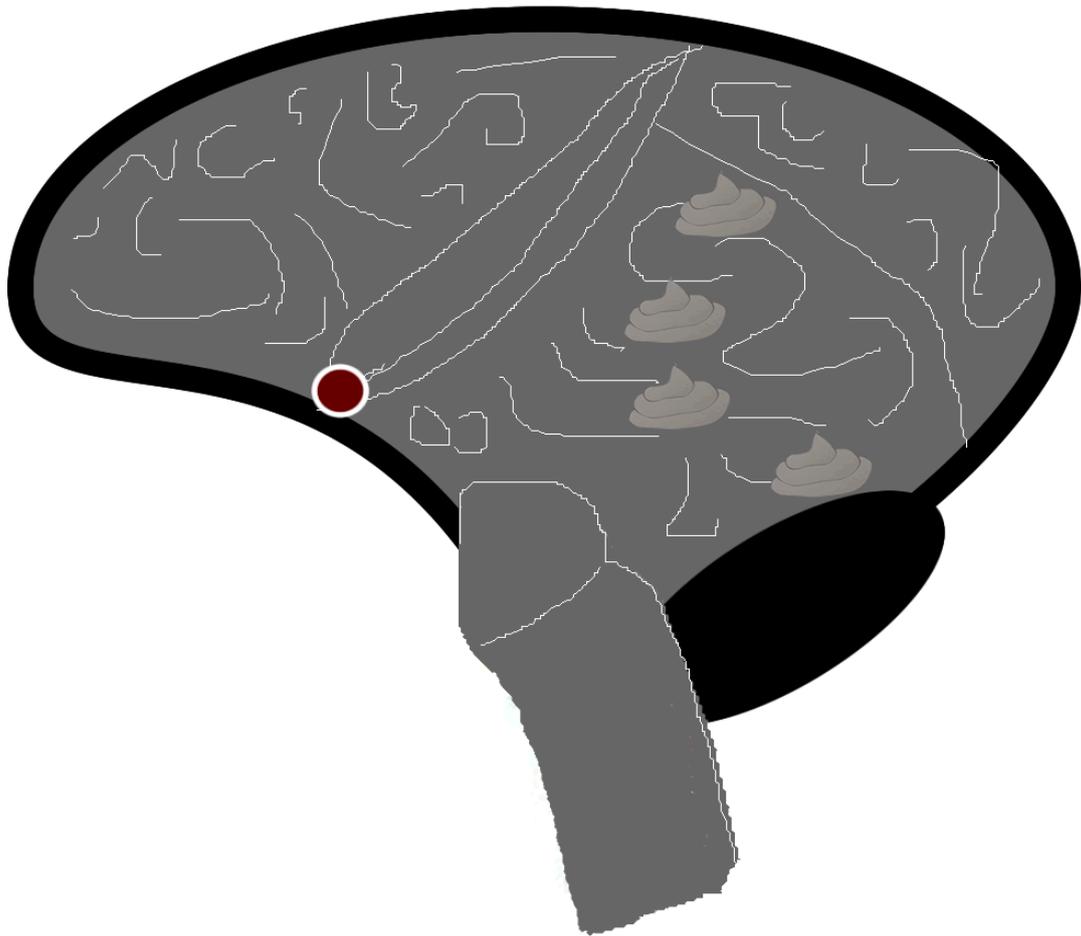


Retratos da Mente Insofismável



Poesias de
José Manuel da Silva

©
2014

tenho pena de mim
e fim

conhecer a terra
regar a terra
remexer a terra
plantar a terra
comer da terra
sujar-se de terra
viver a terra
honrar a terra
só então
morrer na terra

toda estrela no céu
é um desejo inatendido
um chamado inouvido
por isso vasculho o firmamento
procurando minha estrela
pra trazê-la de volta pra mim
antes do fim

o ser dividido
plural

existência
abrangência
querência
ausência

só o mal
justifica o bem
que o contém

Rio, 2014

Que mulher é essa
Que me escapa
E me domina
Que mexe as pernas
E me alucina
Que ser é esse
Que me abomina
E me azucrina
Que respira
E me tira o ar?
És um ser real
Ou avatar virtual?
Durmo com teu odor
Meus sentidos acordados
Vejo-te aberta em flor
Tua voz em meus ouvidos
Tua presença em tua ausência
Teu real em minha demência
Te sinto
E não te tenho.
Pressinto
O acordar
Trago em meus sentidos
Teus carinhos impressos
E no mais te fantasio
Gozando em meu delírio.

Rio, 2014

Achei que sabia o que era
Fome
Vontade
Desejo
Até receber
Teu primeiro beijo.

Pois é assim que te vejo
Fogo e calma
Fêmea e companhia
Sabor de prazer
De um eterno amanhecer
A teu lado
Dominado
Calado
Saciado
Paixão compartilhada
De amor e de vida.

Rio, 2014

Preciso de um mutirão
Pra reformar meu coração
A laje rachou
A fiação pifou
A água acabou
Mas a estrutura ainda está de pé.

Careço de limpeza
No chão e nas paredes
O teto mofou
O sinteco sujou
O dinheiro faltou
Mas a esperança ainda se apega na fé.

Preciso de um aluvião
Pra lavar a solidão
O destino falhou
A esperança minguiu
O problema aumentou
Mas o acaso ainda é o que é.

Preciso da vida
Como a fé do pagão
Um filme pornô
Pra aliviar o tesão
O mais são detalhes
Que vêm e que vão.

Rio, 2014.

Já tenho todas as respostas
Só me faltam as perguntas
Tenho muitas teorias
Que explicam o universo
O absurdo da existência
E a crise do planeta
O que não tenho é paciência
Para aturar tua incipiência
Tua falsa inocência.

Rio, 2014

dúvida
de dia
dúvida
de noite
desejo
açoite
dúvida
perdida
mente
aturdida
como sempre
como sempre

e a vida passa
perpassa
o sonho
o abandono
medonho
escrever um diário
sem destinatário
o ser
mudo
surdo
desnudo
pernóstico
agnóstico
um fenômeno
inóspito
e a tv me apodrece

deito
no leito
estufa o peito
e daí?

Rio, 2014

BAR

O casal em crise
O amor que decola
O preto e a branca
A anca

A comida espessa
Bebida ardente
A noite travessa
A manca

O garçom antiquado
O cheiro nojento
O banheiro fedido
A tranca

A conta fictícia
Dinheiro contado
Mulher do amigo
Cobrança

O dia seguinte
A dor do poeta
O som inaudível
Lembrança.

Rio, 2014

E se de todo eu não conseguir
Fica a tentativa
E quando tudo ruir
A sempre-viva
Que o agora se foi
Enfermo
Futuro abstrato
Ermo

O deserto
Tão perto
Ruído
Desperto

Ao longe
Um disparo
O fim
O faro

E por tudo isso não perecerei
Ao som do ícone do abastado
A estaca no solo fincarei
A bandeira do conquistado

Se é que você me entende
Mulher intrigante
Nosso amor
Um alvo
Distante.

Rio, 2014

ouço um barulho
dentro de mim
algo estranho
tipo assim
como a ave
que se distancia
da terra firme
e se anestesia
um dilúvio se aproxima
vento
chuva
frio cortante
alma hesitante
incerto constante
não obstante
o teor
do amor
temor
e a vida castiga o incauto
consignada
atrai o arauto
do fim
simples
meu caro
assim

Rio, 2014

Sou o dono de minha verdade
E que se foda o mundo
É claro que isso é relativo
E que já estou bem lá no fundo
Descrente, ébrio e perdido
Desentendo o amargo sentido
Por isso sou rock
Primal
Sou ritmo, melodia abissal
Meu sexo é uma guitarra
Que me acorda como cigarra
Pergunto aonde vim parar
Descobrimo meu avatar
Não sei
Não me importa
Esconjuro
O dia
A noite
O escuro.

Rio, 2014

E disse o sábio
Do alto de seu conhecimento
Do universo, das coisas, das pessoas
Das loas, das boas
Mestre das palavras
Perquiridor incansável
Cientista inabalável
Ilibado e vetusto poeta
Bradou tonitruante
Ao ler a descoberta
Do renomado exegeta:
- Caceta!

Rio, 2014

ERÓTICA

para H.

Conheço teu corpo
O toque, o gosto, o cheiro
O som, o olhar, a fome
Conheço teu ser inteiro

Sei o que queres, o que pensas
Pressinto teu desejo de longe
Ouço o que não dizes
E te saber tanto assim
Me confrange

Minha alma se preenche no teu gozo
Dói lá dentro o teu grito de prazer
Sou criança, homem e teu macho
Em teu carinho, teu gemido e teu abraço

A ambição do antes
A intensidade do durante
O devaneio do depois
Teu corpo em mim
Meu ser em ti
O egoísmo de nós dois

Jorra de mim o meu amor
Pulsa em você o meu cansaço
Ainda que acabe o nosso tempo
Tua lembrança será o meu alento.

Rio, 2014

de amor em amor nos enganamos
rimamos
penamos
brigamos
imaginamos
fantasiamos
gozamos
amaldiçoamos
tentamos
terminamos
e recomeçamos
a eterna busca infrutífera
do grande amor
do eterno amor
do santo graal
mas amor é só presente
não é o amor que é eterno
é o momento que dura pra sempre
é a lembrança que nunca se acaba
a tal chama que se extingue nunca foi amor
não, jovens
não confundam
amor é um outro nome para a falta
a carência
o buraco
é o refúgio do fraco
do incorrigível
quem ama é burro
acredita no eu te amo em sussurro
deixa-se levar
apanhar
enganar
feliz da vida
amor é teia
é cadeia
desnorteia
é morte anunciada
é ilusão bem-vinda
aguardada
elevo um brinde aos amantes
de todas as idades
raças
credos
gêneros
singulares e plurais
reais e surreais
amor é desnudar-se, sem pudor
e a vocês que não desistem
confiem em mim
o amor não precisa ser real
e sem mais,
tim-tim!

perdas
irreversíveis perdas
dinheiro
conhecidos
ídolos
amigos
amores
perdas
irrevogáveis perdas
pensamentos
sensações
fatos
passado
memória
perdas
irremediáveis perdas
nomes
lugares
sentimentos
emoções
razão
perdas
indelévels perdas
rostos
causos
livros
canções
medos
perdas
perdas de si mesmo
perdas
irreversíveis perdas

Rio, 2014

a nuvem
chuva
mormaço
sol
ciclos

dor
prazer
vida
morte
ciclos

eu
você
ela
ele
nós
ciclos

(...)
início
crise
fim
início
(...)

derrotada
a verdade
vence
a hipocrisia
da fé

o rio deságua no mar
o frio acaba no bar
o dia traz esperança
à noite tudo vai terminar

a selva de prédios
a massa de gente
a surdez dos ruídos
o vazio da vida
o pulmão de petróleo
a droga econômica
acima o sol a pino
abaixo total desatino

dia que não acaba
noite que não tem fim
o vazio da existência
insiste dentro de mim

tudo se move
e para
sonho e sangue
perfume e mangue
essa a essência
demência
hipocrisia
da alegria
incontida
catarse
o ser que se move porque não pode parar
o pensamento que para porque não sabe se mover
vômitos versífugos
e o mundo gira
a esmo
pessoas passam
no mesmo
passo
passado
pensado
prensado
esgotado
pensamentos frouxos
inexos
desnexos
anexos
cansaço da humanidade
da pseudo-boa-vontade
da falsidade
da mesmice que persegue
nunca quis saber pra onde ia a estrada
e que diabos era pasárgada
de que adianta saber
conhecer
o que importa mesmo é o prazer
o corromper e o desdizer
a realidade dói porque é triste e desprezível
inadmissível
inconcebível
o real é o câncer terminável
inevitável
que ninguém quer ver
o ser humano é podre
nojento
egoísta
hedonista
animalesco
daí a roupa
a fragrância
os bons modos
a cortesia
disfarces
da farsa
porque o mundo continua girando
e girando
e girando

retornando
e ninguém vê
impercebível o eterno retorno
ao nada
disfarce
da farsa
do tudo
dementes, os seres se embriagam
de amor, de vinho, de sonhos e de baudelaire
e pra quê?
com ou sem acento
o que importa?
o universo está desassentado
desdentado
e ninguém vê
porque tentam morder os sonhos
descarnados
não se morde a carne do real
medo do sal
pois é a cultura do açúcar
da beleza
da nobreza
da singeleza
mas o mundo é múltiplo, nocivo e surreal
é hora de largar os deuses
as políticas
os amores
e encarar todos os temores
este mundo não deu certo
escreveram o errado pelo certo
é hora de inverter
o nascer pelo morrer
porque tudo se move
e para
e termina
e acaba
e continua na descontinuidade do ser inefável
e por isso inebriante
indescritível
imperceptível
é hora de enterrar o zumbi das aparências
definitivamente
escatologicamente
antes que tudo pare
antes que tudo acabe
antes que o pó reclame
o final do certame
non ora pro nobis
helena de troia
teu tesão teseu matou meio mundo
e o mundo não mudou
não parou de girar
de beber
de fumar
de foder
de se enganar

de agonizar
com destreza
singeleza
enganeza
o mundo é o mesmo
o ser humano é o mesmo
o mesmo ser
o mesmo querer
o mesmo poder
poder
poder
poder
a filosofia tenta explicar
a biologia tenta ilustrar
a matemática tenta provar
o improvável
o insofismável
o inagarrável
o desgarrável
o miserável
dominus tecum
ó vade mecum
onde está nosso deus ex machina
para salvar a pátria?
está difícil, senhoras e senhores,
perdeu-se o jardim das delícias
bosch virou ferramenta
sem cor, sem amor, sem ardor
mero item de enciclopédia
multimédia
com multipão e multimanteiga
como um último tango
no cu do povo
de novo
e antes que tudo pare
que o sonho vire sangue
fica o gosto do nojo do desgosto
e mais não se diz
porque não há espaço
de leitura
de postura
tudo é gastura
o mundo gira
e é rápido
a poesia deve ser curta
como curto é o pensamento
um demolimento, um emolumento
de tudo que não é mais sagrado
felizmente
e que alguém continue esse melífluo regurgitar
de palavras ao teclado
uróboro sublitério que procura o rabo
do mal compreendido, semper vero, diabo

se não gostam da minha poesia
azia
não sou poeta
nem esteta
sou só um mutante
um sentimento
chocante
ambulante

Rio, 2014

Para eles

Mulheres gostam de homens
Na medida
Carinhosos, protetores, ciumentos
Na medida
Fortes, bonitos, cavalheiros
Flores, chocolate e dinheiro
Na medida
Tudo na medida

Mulheres gostam de homens exclusivos
Na medida
Grude, atenção, indagação
Só na medida
Presentes, companheiros, aventureiros
Na medida
Sexo, amor, cumplicidade
Na medida
Sempre na medida

Mulheres sabem o que querem
Cuidam de seus homens
Na medida
Seguem a cartilha milenar
Na medida
Têm sempre muito a ensinar
Na medida
Mudam os discursos
A essência sempre a mesma
Na medida

Tempos vêm, tempos vão
As mulheres são a nossa salvação
Na medida
Sempre na medida

Meninos, fica aqui sua lição
Não sejam mais
Não sejam menos
Sejam tudo
Façam tudo
Digam tudo
Na medida
Na medida, hein,
Na medida.

Para elas

Homens gostam de mulheres
Na medida
Lindas, saborosas e safadas
Na medida
Carinhosas, complacentes, exigentes
Ciumentas, caseiras, sorridentes
Na medida
Tudo na medida

Homens gostam de mulheres caprichosas
Na medida
Inteligentes, cultas e vividas
Só na medida
Atenção, comidinhas e roupinhas
Na medida
Sexo, amor e putaria
Na medida
Sempre na medida

Homens sabem o que querem
Controlam suas mulheres
Mais que na medida
Seguem a cartilha milenar
Na medida
Têm sempre muito a ensinar
Na medida
Mudam os discursos
A essência sempre a mesma
Na medida

Tempos vêm e tempos vão
E o homem sempre um bebezão
Na medida
Acima da medida

Meninas, fica aqui sua lição
Não sejam mais
Não sejam menos
Sejam mães
Sejam putas
Falem pouco
E na medida
Na medida, hein,
Na medida.

Vivemos a esquizofrenia da modernidade
A idiossincrasia da gratuidade
O inócuo da ubiquidade
O culto à individualidade
E sem mais para o momento
Deixo meu último alento

Rio, 2014

in pieces

in the wee hours i weep
for the long forgotten
for the misbegotten
that wonderful world
the land of oz
that's not for us
lost kids of a broken generation
matter over mind
dysfunctionalization
stupidification
one-worldization
simplification
in the long hours i work
and repress my killer instincts
i fight the unfightable
i check out and never leave
my refuge
is my deluge
in the beastly hours i despair
i write and no one reads
i shout and no one heeds
my call for arms
my clichéd spasms
the cause has changed
the rebel avenged
i see prejudice
and i see pain
can't wait to sleep
again

Rio, 2014

catwalk
flash
death
bash
ladies of the while
it's show time
smile

Rio, 2014

Quem diz o que quer
Ouve o que não quer
Você tinha razão, mãe
Pois o mundo é hipócrita
E não quer ouvir a verdade
Sobre sua realidade

O saber não ocupa lugar
Nem um centímetro
Você tinha razão, mãe
Conhecer hoje em dia
É um detalhe menor
Vale mesmo o dior

Um dia eu ia te dar razão
Mais ou menos, mãe
Teu mundo já não era o meu
Mas sei que você tentou
Do jeito que podia
Que sabia
Perdemos os dois
Ganhamos os dois
O mundo do antes
Nunca é o do depois

Pois é...
Não levei o guarda-chuva
Não me agasalhei
Não me preparei
E hoje sofro as consequências
Chove coisa estranha
E meu frio de gente é constante
Vejo sempre quem não quero
Ouço tudo e desespero
Tudo mudou
E parece que o tempo parou
Tento fazer o que você ensinou
Mas está tudo diferente
Me sinto impotente
Enfim
Há pouco tempo
Para lamentos
No fim
É como você dizia
Quem canta
Seus móveis espana.

Rio, 10 de maio de 2014.
[Dia das Mães]

plantou sementes de animais
e colheu sonhos vegetais
insistiu
dormiu
e viu formas astrais
bestiais
normais
acordou
chorou
pelas coisas reais

Rio, 2014

SILÊNCIO

para Ag.

Seu silêncio é muito intenso
Denso
Tenso
Silêncio de passado e de presente
De algo dormente
Latente
De tempo e de memória
História
O silêncio de um
É o silêncio do outro
De outros
De todos
O silêncio fala mais que a eloquência
É mais ruidoso que a carência
Silêncio é fome de saber
De querer
Silêncio é o intervalo obrigatório do dizer
É a vírgula entre a causa e o efeito
Seu silêncio é um enigma
Uma válvula de escape
Seu silêncio é saudade
O abismo antes do salto
Seu silêncio é vida
Pulsante
Seu silêncio é morte
Inquietante.

Rio, 27 de maio de 2014

Canção N° 10

rock metal

A gente tem que lutar
A gente tem que correr
A gente tem que matar
A gente tem que vencer

A gente tem que ralar
A gente tem que sofrer
A gente vai se humilhar
A gente tem que comer

O circo e o pão
O sim e o não
O clichê
O verso do reverso
Universo
À doré

A gente tem que odiar
A gente vai se vender
A gente vai te enganar
A gente tem que viver

Rio, 2014

É um vento frio que embaralha os pensamentos
Chuva fina que alaga a vontade
Intempéries cerebrais
Vitupérios animais
A veia cava que se entope enlameada
Desmesuras afrodisíacas
Fumaça espessa obscurecendo a razão
Palavras ejaculadas no estertor das emoções
Uma nuvem
Um delicado anoitecer
Uma flor
Um espinhoso apodrecer
O ser
Empestado empoeirado aperreado
Motivações recalçadas aleijadas
Mareada sensação de ignobilidade
Ouviram do ipiranga as virgens flácidas
Derreteram as florestas em chuva ácida
O mundo dos sonhos explodiu
Pariu
O big bang salafrário extraordinário
Memórias discrepantes
Desentrega dos amantes
Marchai e pulverizai-vos
Desentocai-vos pruridos messiânicos
A nata rancorosa da sociedade
Hermetismos fiscais
Putarias federais
Todos fedem
O mundo apodreceu
O ser humano se fodeu
Só a tv não percebeu
Indignado retorna o verso
Refluxo enojado de poetas inferiores
Poemas indolores
Romances inescritos
O suicida apaixonado escarra em sua cova
Dilúvio lacrimal da lua nova
O lobisomem
Come o lobo e come o homem
Rompem-se as represas da juventude escalavrada
Vida encalacrada
Mulheres viçosas enrugadas
Bate uma porta na noite escura
Reverbera um grito desesperado incontido e mudo
O horizonte encolhido se faz ponto
De fuga
O planeta gira aos solavancos
As certezas despencam nos barrancos
Favelas e mocambos
Ricaços e molambos
Fábulas urbanas
Lendas desurbanizadas
Vida e morte rondam severina
Dança macabra em prelúdio
Moto-perpétuo agonizante de um mundo arrasado

Devastado
Pessoas transformadas em baratas
A ilusão ofusca a existência miserável
Queima o desejo abominável
Nasce o terror inominável
São versos de um poder execrável
Eterno poema em sol poente
Ao longe a certeza do jamais
Embrulhado vai o peixe nos jornais
Tudo são escravidões
Vidas em porrada e arranhões
Esmacece a cor do olhar saudoso
Canhestro emoldurar de um amanhã inexistente
Vai a nau rio acima
Desaparece rio abaixo
Em meio à brisa antinatural
Tudo acaba
Tudo escapa
Tudo finda
No ainda.

luz
pus
reluz
seduz

Rio, 2014

Depois de tudo que disseste
Pavoneei-me
Paramentei-me
E sorri

Como não vieste
Enevoei-me
Fechei-me
E sofri

Para te esquecer
Consolei-me
Transmutei-me
E parti.

Rio, 2014

Bebi tua água
E gostei
Comi do teu pão
E gozei
Dormi em teu corpo
E voei
Chamei o teu nome
Acordei.

Rio, 2014

Fui príncipe
E mendigo
Hoje
Não sei mais o que digo

Rio, 2014

Por tudo que é mais sagrado
Deixo aqui registrado
Tudo que vi
E senti
Relembro a mim mesmo
Tudo que esqueci
E perdi.

Rio, 2014

hoje
o ontem
se fez amanhã

Rio, 2014

absurdo
você desnuda
sem ser pra mim

Rio, 2014

Navego por teu corpo qual marinheiro experiente
Afogo-me em teu cheiro
Sufoco-me em teu ar
Nadamos juntos em mares de corais
Encontramos o tesouro em delírios abissais
Interrompo esta elegia
Por medo de atracar
Para que nossa viagem
Jamais possa terminar.

Rio, 2014

O mundo quer que você seja outro
Não você
A novela, a política, a religião
A família, o trabalho, a tradição
Outro, outro, outro
Não você
Querem de você alguém que não quer ser
Não pode ser
Não deve ser
Até no amor
Sentimentos, desejo, emoção
Pedidos, chantagem, afeição
Você se desdobra em outro
Pelo ser amado, pelos filhos, pelos pets
Pelo chefe, pela vida, pelos pares
Outro, outro, outro
Outro você
O mundo não quer você
O mundo quer um outro
Um outro a cada instante
Divisão inquietante
Autogênese revoltante, um replicante
Submissão acachapante
O mundo
No fundo
Tem medo de você
Um dia a verdade
Constatação da novidade já antiga
Impercebida
Você não é mais você
Você é outro
Você não é quem você vê
Você é um outro de você
Você é multidão, legião
Um ser em eterna mutação
Inverossímil dialogia
Repreensível tautologia
Conflituoso dialogismo
Repetitivo silogismo
Você não é você
Você é outro
Moldado, formatado, anulado
Original obnubilado
Você não é jamais você
Não mais consegue ser você
Você é um outro, e mais outro, e ainda outro
Você é uma vaga lembrança de você
Um arremedo
Um esboço esmaecido
De quem você não vê
Você é um outro, uns outros, os outros
Do outro que não é você
Você não é quem você vê
Você é outros mundos distanciados de você.

Jurei dizer
E não disse
Jurei fazer
E não fiz
Jurei te amar
E não quis.

Rio, 2014

Você me chama
E eu paro tudo
Imediatamente

Você me toca
E eu derreto toda
Literalmente

Você me beija
E meu corpo se prepara
Ardentemente

Você me penetra
E minha razão se dissolve
Totalmente

Me sinto alagar
E te entrego meu gozo
Deliciosamente

Você me abraça
E eu adormeço
Sorridente

Acordo só
E a vida me violenta
Novamente

Rio, 2014

A mesa posta
O vinho
As velas
A espera

A expectativa
A lembrança
O desejo
As horas

A angústia
A frustração
O torpor
A solidão

Rio, 2014

Admiro teu corpo nu
E me pego enciumado
Que outros olhos te veem?
Que outros dedos te tocam?
Que outras bocas te beijam?
Que outro ser te preenche?
Entro em pânico
E tomo ares de protetor
Com zelo
Solenemente
Te cubro com o lençol
E adormeço tranquilo.

Rio, 2014

Snippets

resisto entre o viver e o morrer
entre ser e obedecer
entre descrever e prometer

privilégios
sortilégios
colégios
egrégios
remédios
assédio
tédio
sacrilégio

a volta
é o passado
da ida
a morte
o futuro
da vida

houve uma desconexão
um apagão
num instante luz
no outro
escuridão
você foi, tão...
e eu fiquei, tão...
então...

mãe
você não imagina
o tamanho do estrago
que a vida fez em mim
antes do fim

quando tudo é manhã
entardece
quando tudo é tarde
anoitece
quando tudo é noite
escurece

nada é definitivo
até o fim
simples
assim

o inverso do nada
é algo
o diverso do agora
foi
o anverso do amor
é dor

e quando tudo cair
quando tudo ruir
haverá uma esperança
de voltar a ser criança

pois só a dor ensina
a viver
o real
no fundo
é sofrer

dinheiro
amor
felicidade
a glória
o trabalho
o baralho
tudo
é nada
o resto
é a vida
a ser vivida
porque sentida

tudo passa tudo passa tudo passa tudo nada

Rio, 2014

mais uma noite
mal dormida
sonhos e saudades
presença da ausência
pesadelos existenciais
sensações anormais

mais um dia
mal vivido
sonhos e contenções
impaciência e intolerância
decepções existenciais
desejos marginais

mais uma vida
incompleta
sonhos e frustrações
amores desérticos
convenções existenciais
perdas abissais

mais um desejo de morte
crescente
sonhos e incompreensões
suicídio de corpo e alma
paraísos irreais
desesperos tropicais

Rio, 2014

Normalidade

ligo a tv
corrupção
assaltos
explosões
novelas
balelas

tá tudo bem com o meu país
tá tudo bem com o teu país

tento o rádio
notícias
guerras e mazelas
horóscopo e comida
samba e futebol
e muito pouco rock and roll

tá tudo bem com o mundo afora
tá tudo bem com o mundo agora

entro na internet
imagens
vídeos
tecnologia
hipocrisia
crianças morrendo
fogueiras ardendo
dinheiro corroendo
e redes sociobanais

tá tudo bem com a nova ordem mundial
tá tudo bem com a velha ordem mundial

Rio, 2014

Despi-me de tudo
E fiquei mudo.

Rio, 2014

Você me usou
Maltratou
Explorou
E no fim
Me abandonou

Fui cobertor
Ventilador
Crédito e débito
Objeto
E dejetos

Não me queixo
Desfrutei
Compartilhei
Apreendi
E me iludi

A mágoa é natural
O amargo do final
O que no fundo mais doeu
É que você me esqueceu.

para R.
Rio, 2014

caminho por ruas que conheço
e me desconheço
lembro de pessoas vagamente
vaga mente
vaga a mente
herdeiro único de mim mesmo,
desfaleço o pensamento
em fragmentos
ora desatino
ora me amofino
é o fim, é o fim
do ser dentro de mim
minhas memórias tribadistas
querelam-se em sabedorias vigentes
desoriento-me da verdade
tenho o coração desbastado, quebrado, alquebrado
uma saudade do impossível impensável
atolo-me em dispensamentos improváveis
prefinalizando o esperado inacontecível
o pão, o teto, o saber
sobrevivência e poder
é o fim, é o fim
da vida dentro de mim
houve um tempo
não mais
houve alguém
não mais
houve tudo
nada mais
o passar do tempo é imperceptível
nota-se-o quando acaba de passar
antes do próximo tempo sobrevir
sucessão sobreposta de teres e haveres e morreres e nasceres
embrenho-me na lógica ilógica do mundo fatídico insofismável
solilóquio do sim
ambiguidade do não
silogismo existencial
várias metades de mim digladiam
aguardam
desesperam
implodem
a mente em procela, o corpo em beligerância
o espírito vago e amorfo, inconstância
esta a trilogia do ser, caótico
ouço vapores e odores diversos
converso com estranhas sensações etéreas
seres espaciais, vozes abissais
minhas vidas torrenciais
houve sensações
hoje um tecido opaco
houve perversões
hoje uma blague saudosista
houve emoções
hoje uma névoa inespessa
faça-se então o silêncio impotência
desvele-se o imponderável

enfim
– a agonia do talvez
precede a ironia da certeza –
prevejo e posvejo e não me vejo
o mundo é agora somente um longínquo grão dadivoso do existir
a vida é poeira
um samba atravessado
assincopado, desnatural
um mero imprevisto temporal
a canção se cantou
a música se tocou
o ser se emocionou
ambição, obsessão, decepção
sequência vital, letal
torno-me, então, ator coadjuvante
do filme apócrifo, do roteiro marginal
a sapiência inútil, final
tudo é cansaço, preguiça
uma luz mortíça
ennui d'être, de l'être
é o fim, é o fim
da palavra dentro de mim

Rio, 2014

procuro uma mulher
bem safada e safada
que conheça baudelaire
e me ensine a patiscada

procuro uma mulher
bem safada e safada
garfo faca e colher
feijão e macarronada

procuro uma mulher
bem safada e safada
branca preta ou qualquer
esguia ou desengonçada

procuro uma mulher
bem safada e safada
bem me quer e mal me quer
resolvida e complicada

procuro uma mulher
bem safada e safada
uma vadia de tailleur
puritana de fachada

procuro uma mulher
bem safada e safada
uma puta de alquiler
mina santa excomungada

procuro uma mulher
bem safada e safada
que haja o que houver
conte sempre uma piada

procuro uma mulher
bem safada e safada
e que enquanto me quiser
não seja amestrada

Rio, 2014

o que te motiva?
o trabalho?
o amor?
a vida?
o viver?
a morte?
o sofrer?

o que te convida?
um carinho?
uma cantina?
um afago?
um amanhã?
um depois?
um afã?

o que te anima?
pesares?
mazelas?
sentidos?
odores?
alegrias?
amores?

o que te aviva?
a dor?
o homem?
a mulher?
o amanhecer?
o ouro?
o conhecer?

o que te incita?
o fogo?
a paixão?
o frio?
o calor?
a visão?
o favor?

o que te instiga?
um livro?
um filme?
um devaneio?
uma pintura?
uma tristeza?
uma ternura?

o que te acirra?
o tudo?
o nada?
o certo?
o incerto?
o longe?
o perto?

o que te atira?
a moça?
a janela?
o possível?
o impossível?
o sonho?
o incrível?

o que te excita?
isso?
aquilo?
além?
demais?
por fora?
por trás?

o que te revira?
o absurdo?
multidões?
a festa?
coliseus?
a morfina?
ou o adeus?

Rio, 2014

procuro uma porta inexistente
um portal
um ambiente
surreal
que me leve ao paraíso
e me perca o juízo

encontro uma linha vertical
sinuosa
irreal
uma ventosa
e penetro cores plenas
explosivas açucenas

descubro um sem-fim de emoções
discrepantes, absolutas
impensadas ilações
surpreendentes, convolutas
vejo a rosa em perfume se abrindo
no farfalhar do amanhecer infindo

tudo para
o universo é o vermelho
essência pura
puro prazer de liberdade
a existência sem idade
o poder sem vaidade

sinto-me estranho, diferente
mera parte de um todo indescritível
fragrâncias, imagens, o ser dormente
a vida não é vida, o ar é sensível
já vejo ao longe o plano horizontal
que a razão traduz para o real

porque sonhar, fantasiar e viajar
é a do ser última veleidade
a vida fica entre o fincar-se e o voar
o segredo é fugir da realidade
inútil, vã e opressora
vem!
sandice redentora

o ser humano é carne e osso
e nada mais
o resto é imaginação
fantasia e religião

Rio, 2014

não sei se foi o clima que esfriou
ou nós dois
se antecipamos o futuro ou deixamos tudo
pra depois

dizem que o tempo é o melhor remédio
para a dor
mas nem o tempo pode curar
um grande amor

Rio, 2014

we always change
no matter what
on a daily basis
think we have not
but we just don't know it

a conversation
a new sensation
a bad breakup
a different look
life standing still
all that is change
you just don't know it

in bed tonight
looking in the mirror
being the better person
you're not the same
you were before
and furthermore
you still don't know it

it is incredible
it's imperceptible
the change is there
you bet
you just don't know it
yet

can't love the same
can't be the same
can't feel the same
a different day
new ways to blow it
'cause i'm not the same
just didn't know it

vivo num país sem ética
de condição patética
sem partidos
movido
por clubes políticos
eleitores
peidores
mestres em corrupção
sanguessugas da nação

vivo num país sem lei
um reinado sem rei
sem polícia
extorquido
por canalhas de farda
marrentos
violentos
bedéis da infração
vergonha da nação

vivo num país sem povo
um aglomerado, um estorvo
iludido
por mentiras televisivas
alienantes
bestializantes
arautos da convenção
escória da nação

vivo num país religioso
arcaísmos em caldeirão pavoroso
vendido
para o demônio financeiro
sobrenatural
infernado
comandante da perversão
atraso da nação

vivo num país que não lê
que olha mas não vê
reprovado
pelo ensino inexistente
desmoralizante
agonizante
estatísticas sem noção
mentira da nação

vivo aqui
e não lá
dia a dia labutando
fazendo a minha parte
esperando sentado
por um melhor resultado

Blues do Ostracismo

tudo passa
tudo passará
e você
o que deixará?

seu nome eternizado
em livros e discos
ou só uma lembrança
no chope dos amigos?

um filho famoso
uma inscrição no inferno
ou você nem conseguiu
ser um pouco moderno?

você criou tendências
mudou o mundo inteiro
ou viveu na sombra
de um trabalho maneiro?

ligo a tv
e não vejo você
na biblioteca
nada pra ler
não está na revista
nem no animê
será que nem na internet
vai aparecer?

você viveu e passou
e o que deixa de herança?
que a medida de um homem
é a duração da lembrança.

para Ar.

sua voz me fere
porque não me chama
seu corpo me excita
porque não me satisfaz
meu sonho evapora
porque você me ignora
seus olhos são meus
mas só me dizem adeus

Rio, 2014